

BRINCADEIRAS COTIDIANAS NO BAIRRO GOIABEIRAS: ONDE ESTÃO AS CRIANÇAS?¹

Isabella Souza Rodrigues
Universidade Federal do Espírito Santo
isabella_rodrigueers@outlook.com

RESUMO: *Partindo da ideia que a ludicidade constitui como traço/característica fundamental da cultura da infância, essa pesquisa buscou, a partir dos estudos culturais, feministas e da sociologia da infância, por meio da etnografia, mapear os espaços públicos do bairro Goiabeiras, Vitória/ES, sendo esses as ruas, as praças e/ou parques e observar brincantes potenciais dispostos nesses. A partir disso, compreender como as crianças se apropriam, seja através de brinquedos, brincadeiras e/ou jogos, como vivenciavam mais intensamente a ludicidade. Foram realizados registros no diário de campo e aplicados questionários semiestruturados e com isso pudemos observar como meninas e meninos se apropriam, brincam e quais características de cada grupo; pudemos observar, ainda, que os pais das crianças vivenciam uma sensação de insegurança e que isso implica em como e onde seus filhos estão.*

Palavras-chave: *Crianças; Ludicidade; Espaços Públicos.*

GT – 11. Os lazeres na (re) produção do urbano

¹ Projeto de Iniciação científica realizado de novembro - 2017 até agosto - 2018; pesquisa realizada pela aluna de graduação em bacharelado educação física, Isabella Souza Rodrigues sob orientação da Prof.^ª. Dr.^ª Ileana Wenez, professora do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD).

1 INTRODUÇÃO

É comum que nós adultos, apoiando-se do senso comum, caracterizar a infância como fase da vida a ser superada, acreditando —erroneamente—, que é uma fase finalizada. Assim, tendenciosamente, associamos às crianças e à infância, o tempo de brincar, jogar, experimentar; levando-nos à conclusão de que, ultrapassada essa fase, tudo nela experimentado não constitui conhecimento e/ou ‘lucros’ aos sujeitos na fase adulta, porém, tal afirmação não é correta. Surge, a partir disso a questão que tenta ser respondida por diversos autores — Sarmiento (2004), Silva (2011), Sartori (2015) —: o que é infância?

A infância na contemporaneidade pode ser definida como uma construção social e histórica. Assim, pode-se dizer que, nem sempre foram as mesmas, as características que possui atualmente ou, ainda, que conforme a sociedade se transforma, o papel da infância também se configura de maneira a se adaptar no espaço/tempo ao qual se insere; da forma que a maneira como as crianças eram tratadas na Idade Média, por exemplo, “consideradas como meros seres biológicos (...) apêndices do gineceu, pertenciam ao universo feminino, junto de quem permaneciam, até terem capacidade de trabalho, participação na guerra ou de reprodução” (SARMENTO, 2004, p.03). Não é a mesma do século XXI, em que a criança ocupa um lugar na esfera social a ponto de, hoje, ter uma maior centralidade na sociedade contemporânea.

Conforme pode ser observado no dia-a-dia as crianças se tornaram alvo das mídias e inclusive da economia. No contexto brasileiro, identificamos numa reportagem intitulada Consumismo infantil: um problema de todos, que destaca que em 2006, os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis foram de R\$ 209 milhões (Ibope Monitor, 2005x2006, categorias infantis) e o Ibope Mídia, que anualmente divulga os dados de investimento publicitário no Brasil, constatou que foram movimentados cerca de R\$ 112 bilhões em 2013 com publicidade. A televisão permanece a principal mídia utilizada pela publicidade, representando 70% do investimento².

² Essas informações foram publicadas pelo Instituto Alana, no blog criancaconsumo.org.br. Onde é possível encontrar outras reportagens relacionadas à publicidade infantil e consumo infantil em massa. Alana: é uma organização de impacto socioambiental que promove o direito e o desenvolvimento integral da criança e fomenta novas formas de bem viver. Para tanto, estruturou-se em três frentes: Instituto Alana; AlanaLab; e Alana Foundation. (Disponível em: <https://alana.org.br/>.) Disponível em: <http://criancaconsumo.org.br/consumismo-infantil/>. Acesso: 21/06/2018.

Ao pensarmos infância e sua cultura, é impossível não associar à ludicidade, pois, “a ludicidade constitui um traço fundamental das culturas infantis” (SARMENTO, 2004, p.10). Silva (2011, p. 05), entende que “ninguém consegue pensar o mundo das crianças despido do seu mundo outro dos brinquedos e das brincadeiras, tal é a dimensão da sua presença determinante nas diversas fases da construção das suas relações sociais”; brinquedos esses que são comercializados e consumidos pelas crianças e pelos pais, quanto às características, acrescento que “o lúdico é [...] compreendido como expressão de alegria, tensão, prazer, relaxamento que pode ocorrer em qualquer tempo” (ALVES, et al., 2014, p.197). Ainda, “o jogo é nosso ponto de partida: é a partir dele que iniciamos nossa relação com o mundo da cultura. É a partir do jogo e da brincadeira que ampliamos nossas experiências para outras atividades como a dança, o teatro, a literatura, a música, etc” (SARTORI, et al., 2015, p.402). No entanto, embora jogos e brincadeiras sejam, quase que obrigatoriamente associados à infância, não necessariamente são, exclusivos dessa, isso é melhor explicado por Sartori, ao citar Alves,

quando pensamos em jogos e brincadeiras, inevitavelmente nos reportamos à infância, ou mais propriamente à criança (0 a 10 anos). É difícil imaginar uma criança que não goste de brincar e/ou jogar (...) é próprio de nossa humanidade esse desejo pelo jogo, de modo que se engana aquele que acha que um dia deixamos de jogar e/ou brincar como fazíamos na infância (2015, p.402).

Nossa proposta busca compreender, através do comportamento das crianças em brincadeiras e jogos ou quaisquer atividades lúdicas como, elas, se relacionam e apropriam do espaço; de acordo com Sartori (et.al, 2005, p.402), “quando as crianças constroem seus jogos e brincadeiras, imprimem-lhes intencionalidades, interesses e desejos (...) trazem consigo saberes e conhecimentos”; não é errado assinalar que nessa troca de experiências, novos comportamentos e interpretações irão surgir, pois há uma reinvenção das próprias crianças nesse processo de ‘brincar’ no coletivo, uma vez que cada criança tem uma experiência única e, certamente, a compartilha com as outras, mesmo que às vezes, não intencionalmente. Nesse sentido, o brincar (...) é uma linguagem que fala do próprio brincante, permitindo à criança ser autora de sua fala e de seus atos” (ibid, p.407). Compreendemos, portanto, que as brincadeiras, além de expressar um pouco de si também atribui sentido a aquelas situações que viveram e seus contextos.

2 DEMAIS TÓPICOS

Objetivos

- Mapear os diversos espaços lúdicos, parques ou praças no bairro de Goiabeiras, Vitória, ES.
- Descrever como acontece a participação das crianças nos diferentes espaços e quais apropriações elas fazem.
- Narrar as diferentes práticas corporais, lúdicas e/ou esportivas que as crianças realizam e quais significados meninas e meninos atribuem a elas.
- Problematizar as diversas narrativas e os significados que as crianças outorgam à cidade, espaço, corpo, brincadeiras e ao gênero.

Metodologia: Tipo de estudo, delineamento, local de estudo e período

A pesquisa integrou-se de um estudo qualitativo, Goldenberg (2004, p.14) comenta que, “na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória”. Trata-se de um estudo etnográfico. O método etnográfico nos possibilita uma descrição minuciosa, sensível e descritiva, traduzindo e retraduzindo gestos, falas, significando comportamentos. Entendendo que a etnografia “é uma arte que exige que se saiba retraduzir para um público terceiro (terceiro em relação àquele que você estudou) e, portanto, que se saiba escrever. A arte de ver, arte de ser, arte de escrever” (WIKIN, 1998, p. 132). Segundo Oliveira (2006) isso permite o exercício de três competências a ser exercitadas, sendo elas olhar, ouvir e escrever. Pretendemos então, através da análise por meio do trabalho de campo, observar, compreender e questionar a vivência e apropriação das crianças nos/dos espaços públicos do bairro Goiabeiras em Vitória, ES.

Nessa direção, iniciamos o trabalho com uma revisão bibliográfica³ sobre as temáticas infância, crianças, parques, espaços públicos e gênero entre os anos 2016 e 2018, assim como, coletar dados do bairro Goiabeiras-Vitória. Nossa proposta está justamente disposta em foco a observação do cotidiano das crianças presentes nas praças do bairro e sua relação estabelecida com o espaço e ainda com as outras crianças. A pesquisa foi iniciada em meados de novembro de 2017⁴ e o trabalho de campo acabou sendo tardio pois as férias e recesso escolar acabam alterando as

³ A revisão bibliográfica foi realizada com as palavras chaves “brincadeiras e parque”, “brincadeiras e praça”, “brincadeira e espaço público”, “apropriação do espaço público”; “brincadeira e espaço público”, “apropriação do espaço público”; “crianças, apropriação de praças, ludicidade”; encontrando oito artigos novos que discutem as temáticas dessa pesquisa.

⁴ Período no qual a bolsa de IC foi concedida.

rotinas das famílias que modificam suas atividades em função do calendário, quebrando a proposta desta pesquisa que consiste em capturar as atividades cotidianas das crianças. Foram realizados 24 diários de campo em 6 lugares do bairro. O diário de Campo⁵, tal como aponta Wikin (1998), é o principal instrumento de pesquisa do etnógrafo, onde serão anotados tudo o que chama sua atenção no campo, pois a criação de sucessivos diários servirão para análise e reflexão das observações sobre o objeto de estudo, pouco a pouco, com o exercício repetitivo, o pesquisador aguça seu olhar, crescendo as intenções de sua observação para além do que é exposto diretamente, busca compreender as relações explícitas e implícitas no espaço.

Além dos diários, foram aplicados 10 questionários semiestruturados⁶. O questionário possui suas vantagens quanto a alcançar o objetivo proposto, Goldenberg (2004, p.87) ressalta que “as frases padronizadas garantem maior uniformidade para a mensuração” além de que “os pesquisados se sentem mais livres para exprimir opiniões que temem ser desaprovadas ou que poderiam colocá-los em dificuldades”. Os dados gerados pelos questionários foram transcritos e analisados, como podemos identificar a seguir.

Resultados e discussão: a distribuição dos espaços

Segundo dados da prefeitura de Vitória (2012)⁷, o bairro Goiabeiras teve sua ocupação há mais de 80 anos, quando era uma zona constituída de baixadas cobertas de manguezais. O crescimento da população deu-se em meados dos anos 60 e com a incorporação de zonas rurais para a construção de conjuntos habitacionais pela Cooperativa Habitacional Brasileira (COHAB), atendendo à população de baixa renda. Também foi local de despejo de lixo, tendo em 1970 a implantação do Parque Industrial de Carapina. Com a posterior construção da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)⁸ e o Aeroporto Eurico Sales, a região se expandiu chamando atenção para as necessárias intervenções urbanas. Por meio do trabalho do campo identificamos alguns espaços de referência do bairro e quais são os espaços de sociabilidade e lazer das crianças.

O bairro goiabeiras encontra-se no limite com nove bairros. O mapa (Figura 1) foi completado com as informações coletadas em campo, já que verificamos que existem mais áreas

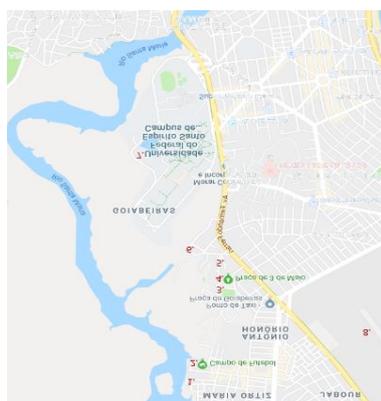
⁵ Os diários de campo foram realizados em diferentes dias da semana entre o horário de 15h às 18h, esses que perduraram de março/2018 até agosto/2018.

⁶ Os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

⁷ Prefeitura de Vitória, site Acesso em: 09 de março de 2018. Dados disponíveis <http://www.vitoria.es.gov.br/noticias/noticia-12033>.

⁸ A UFES, com uma área territorial total de 13,8 milhões de metros quadrados. Sua infraestrutura física global é de 302,5 mil metros quadrados de área construída, possui dois campus: um em Maruípe e, sua maior parte, em Goiabeiras.

de lazer. No período proêmio da pesquisa, elegemos seis (6) possíveis locais, conforme podem ser observados no Figura 1, sendo eles: 1. Praça da Família⁹; 2. Campo de Futebol¹⁰; 3. Praça Darci José de Sá Filho; 4. Praça 3 de Maio¹¹; 5. Praça Francisco P. Nascimento; 6. Associação das Paneleiras de Goiabeiras¹². Ao decorrer do trabalho de campo, alguns não atenderam o objetivo da pesquisa pela ausência de crianças. Um adendo acerca do número seis (nº6), é que durante o campo, notou-se a ausência das paneleiras no espaço, o estranhamento levou à busca a respeito, levando às informações publicadas na internet, comentando acerca de uma reforma¹³.



- 1: Praça da Família
- 2: Campo de Futebol
- 3: Praça Darci José de Sá Filho
- 4: Praça 3 de Maio
- 5: Praça Francisco P. Nascimento
- 6: Associação das Paneleiras de Goiabeiras
- 7: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).
- 8: Aeroporto

Figura 1: Mapa dos espaços/praças de Goiabeiras. Fonte: elaboração da autora.

⁹ A Praça da Família, conta com duas pequenas áreas de areia com três balanços em cada uma, para crianças; quatro mesas com quatro bancos ao redor de cada, esses que estão próximos à extremidade da quadra; além de bancos de cimento distribuídos por todo o espaço, sendo essa, uma praça arborizada e bem iluminada.

¹⁰ O Campo de Futebol, esse está, também, anexado/próximo à Praça da família, contém tela protetiva na cor azul e seis refletores.

¹¹ A Praça Darci José de Sá Filho e a Praça 3 de Maio, são próximas; ambas contempladas pelo projeto Praça Saudável, que tem como objetivo a promoção do bem-estar entre os moradores. O projeto Praça saudável consiste em duas categorias: Adequação e Construção. Na primeira, o objetivo é readequar 121 praças já existentes fazendo a instalação de estrutura adequada para a realização de atividades físicas. Na segunda categoria, o projeto visa à construção de 45 novas praças também adequadas para a prática de exercícios. Mais informações disponíveis em: <https://sesport.es.gov.br/projeto-praca-saudavel-adequacao-amplia-inclui>. Essas praças tiveram, ao todo, onze (11) equipamentos implantados pela Gerência Regional 6 da Secretaria Municipal de Obras (SEMOB). A SEMOB (Secretaria de Obras e Infraestrutura) é um órgão diretamente ligado ao chefe do Poder Executivo e tem por finalidade promover a urbanização do município, projetar, orçar, construir, controlar e fiscalizar obras públicas, controlar e fiscalizar edificações particulares e loteamentos, manter e reparar os próprios públicos.

¹² A Associação das Paneleiras de Goiabeiras, dispõe de um grande galpão onde ocorre a confecção das panelas antes de irem ao fogo e também se realizam as vendas das panelas, à frente desse galpão, temos o mangue e uma área onde ocorre a queima das panelas, essa área pode ser definida, quase como, um quintal do mangue, pois é um espaço pequeno com algumas madeiras e varas, e algumas outras ferramentas, que são utilizadas na queima.

¹³ Ordem de serviço para revitalizar Galpão das Paneleiras, em Vitória, é assinada. Foi assinada no sábado 24/02/2018 a ordem de serviço para início das obras de revitalização da área de confecção das panelas de barro, em Goiabeiras, Vitória. De acordo com a prefeitura, a intervenção vai deixar a área de queima, anexa ao galpão, mais segura e organizada para as artesãs, além de mais atrativa para os turistas. A previsão para o término das obras é de cinco meses. O prefeito de Vitória, Luciano Rezende, disse que um deque será construído para permitir o embarque e desembarque no Galpão das Paneleiras. Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/ordem-deservico-para-revitalizar-galpao-das-paneleiras-em-vitoria-e-assinada.ghtml>. Acesso: 21/03/2018.

Dos respectivos, os números um, três, quatro e cinco (1, 3, 4, 5), em relação aos demais encontrados, foram os que mais chamaram a atenção. A praça Darci José de Sá Filho e Praça 3 de Maio dispõe maior variedade de equipamentos, tanto pela área das crianças como pela ATI¹⁴ (academia da terceira idade), tornando-as, a princípio, com maiores chances de uso por parte das crianças, uma vez que se encontram em melhores condições de uso, seja pela manutenção dos aparelhos tanto como pelo espaço amplo com área livre e vegetação; a Praça Francisco P. Nascimento, conhecida como “Ponto de Táxi, praça de Goiabeiras”, por estar próxima à Avenida, logo, tornando-a mais movimentada.

Num comparativo com o bairro Goiabeiras, em relação a outros já citados no subprojeto antecedente (TESSAROLLO; WENETZ, 2017), é mais ‘tranquilo’, seja por suas ruas mais estreitas ou pelo menor fluxo de carros; isso chama a atenção para uma possibilidade, mesmo que pouca, maior de encontrarmos crianças nas ruas, considerando que a circulação dos carros, por conta das ruas pavimentadas, seja o maior fator de risco para crianças.

Atendo-nos ao espaço público das praças e/ou parques da cidade e suas possibilidades de uso, Luz (et. al., 2013, p.553) afirma que, “(...) as características dos espaços podem influenciar ainda no tipo de interação social e na intensidade de atividade realizada, demonstrando a importância potencial dos ambientes para promover comportamentos de socialização, exploração, autonomia e atividade física”. As praças selecionadas para foco do trabalho em campo, apresentam, em sua maioria, equipamentos para crianças, espaço livre contendo área verde e, aparentemente, um arredor menos movimentado que os bairros vizinhos. Com isso, estaremos atentos à apropriação e uso que as crianças fazem desses espaços, levantando questões sobre como os equipamentos presentes e problematizar o uso que as crianças (meninos e/ou meninas) fazem delas. Assim como, relacionam-se com outras crianças.

Durante o tempo em que a reforma estivesse ocorrendo, o local de trabalho das paneleiras moveu-se para um local próximo. Desse modo, o espaço público eleito foi a Praça 3 de Maio, essa que é anexada à Darci José de Sá Filho; a mesma atendeu aos objetivos uma vez que dispunha de maior número e frequência de brincantes.

¹⁴ ATI: O Projeto Academia da Terceira Idade (ATI) visa combater o sedentarismo e contribuir para a minimização do risco de doenças como hipertensão e para a redução no número de internações e de medicamentos. Gerando assim uma economia de recursos com tratamento convencionais.

Praça 3 de Maio: a distribuição dos espaços

Alves (et. al., 2014, p.203) comenta que “hoje a praça pode ser considerada um espaço para a prática do lazer. No decorrer do tempo, as características desses lugares foram reformadas a fim de torna-los seguros e acessíveis”, diferente de outrora, quando eram apenas locais de passagem. Na modernidade houve uma ressignificação desse espaço, citada também por Zorzi, “na atualidade as praças muitas vezes apresentam-se com apropriações diferentes daquela consagrada na história” (2015, p.132), tal afirmativa da autora é visível na praça 3 de Maio quando, à noite, a mesma torna-se também um espaço de comércio alimentício à céu aberto.

A praça conta com duas “entradas” e são essas que distingue o respectivo em duas praças, embora seja um só local. A entrada pela rua Hermínio Coelho Souza dá acesso à praça 3 de Maio, já pelo estacionamento da Multivix¹⁵ ou rua José Darcy, à Praça José Darcy de Sá Filho; no entanto, mesmo que tenham registros no site da prefeitura de Vitória e *google maps*, das duas praças, só há identificação desse espaço como Praça 3 de Maio, está fixada uma placa com informações na parede do banheiro.

Assim, a praça conta com sete (07) espaços, sendo eles: quadra coberta, campo de bocha, academia popular, parquinho infantil, academia da terceira idade (ATI¹⁶) e espaço livre. O espaço o qual a pesquisa se debruçou a observar foi o parquinho infantil, esse que conta com piso de areia, Moro (et. al, 2014), comentam a respeito da importância de pisos de areia para vivência da criatividade exigida das crianças em desenvolverem suas brincadeiras nesses espaço, independente desse contar ou não com brinquedos, o simples fato de conter areia, chama a criança a vivenciar o espaço de formas variadas. Exemplo que toma forma no estudo de Sartori (et al, 2015), que relata a vivência de algumas crianças que colocavam areia no chinelo ou dentro de suas roupas, simplesmente para sentirem a mesma escorrer por seus corpos. Tais vivências remetem pensar que esse espaço (piso de areia) precisa estar limpo para evitar quaisquer doenças, alergias, etc.

Quanto aos brinquedos, conta com três (03) balanços, anexados em uma única estrutura, nas cores vermelho e amarelo; um escorregador azul e outros quatro (04) brinquedos. Os quatro “outros

¹⁵ Multivix, fundada em 1999, faculdade de ensino superior presencial e à distância.

¹⁶ A Academia da Terceira Idade; funciona pela manhã e à noite, de 8h00 às 10h00 e de 19h00 às 21h00, atividade instruída por uma profissional de educação física; os participantes fazem uma inscrição no projeto e no processo de matrícula/inscrição, solicitam exames médicos para saber o estado de saúde do idoso. Somente pessoas inscritas podem participar das atividades (D.de C., n°1, 14/03/2018).

brinquedos” citados acima apresentam variedade em relação às demais praças de Goiabeiras, até então desconhecidos, por isso serão melhor descritos. Figura 3 (a): estrutura composta, obtendo (b) mão-em-mão do brinquedo composto; (c): brinquedo em formato espiral; (d): DNA; (e): brinquedo das meias-luas.



Figura 2: Brinquedos do parquinho infantil



a) estrutura composta; b) mão-em-brinquedo em espiral; d) brinquedo DNA; e) brinquedo das meias-luas. Fonte: elaboração da autora.

mão do brinquedo composto; c)

A respeito da dos brinquedos, Sartori (et. al., 2015), Cotrim e Bichara (2012) comentam que o fato de estarem conservados e coloridos, é atrativo para crianças, convidando a brincar. A praça tem dois (02) banheiros (masculino e feminino); também tem o total de dois (02) bicicletários, oito (08) postes de iluminação e quatorze (14) árvores no total. Zorzi (2015), alerta sobre a importância da vegetação nas praças e parques, pois, além de atrativo, é confortável aos usuários e/ou transeuntes que, em seu estudo, comentam que a vegetação ajuda a acalmar, diminuir estresse; a praça 3 de Maio, no entanto, é pobre de vegetação. A cerca da iluminação, Dalt (2014) comenta que quando precária, tende a afastar os usuários, pois, à noite, causa desconforto e medo, devido à violência, sensação de perigo.

Uso e apropriação dos espaços

Segundo Cotrin e Bichiaria (2012), podemos identificar nos últimos anos como os espaços das crianças tem se modificado, e isso “em função de graves fenômenos bastante conhecidos, quais sejam: a violência, a presença de estranhos, drogas, atividades ilícitas, tráfego de veículos, (...) que parecem ser ameaças universais no mundo moderno” (p.389). Desse modo, a solução se expressou na criação de espaços, públicos e/ou privados, destinados às crianças; em se tratando de espaços públicos, os denominados *playgrounds*¹⁷, presentes nas praças ou parques. Segundo Cotrim (et al, 2012), esses espaços já se tornaram indispensáveis nas praças.

No cenário de Goiabeiras, o bairro dispõe de praças com playgrounds, ao falarmos dessas, Silva (et al, 2011), nos lembra que “nasceram de necessidades de espaços para abrigar as festividades, encontros, atividades de troca, tratando-se de lugares de fácil acesso para a sociedade realizar as mais variadas funções” (p.198) e quanto à sua importância, acrescenta que “um dos mais característicos exemplos de espaços livres, são unidades urbanísticas fundamentais para a vida urbana, configurando-se como locais para a prática de lazer passivo e ativo, além de servirem ao encontro e à convivência das pessoas e às atividades culturais e cívicas (2012, p.199). Alves (2014, p.203) complementa afirmando que “hoje a praça pode ser considerada como um espaço para a prática do lazer” e embora vivamos com medo devido às ameaças do mundo moderno, citadas anteriormente, o autor coloca que “no decorrer do tempo, as características desses lugares foram reformadas a fim de torna-los seguros e acessíveis” (ibid, p.203).

Contabilizados 132 brincantes, sendo 93 meninos e 39 meninas. Dividiremos a apropriação feita pelas crianças, em duas categorias: a) brincadeiras no parquinho infantil e b) brincadeiras no espaço livre e quadra. O parquinho infantil, com base no trabalho de campo, mostrou-se de maior interesse para crianças com idades entre 2-6 anos de idade; na maioria dos casos, acompanhadas de seus responsáveis; as crianças normalmente brincavam por volta das 17h00 pois, vinham direto da escola, Jacyntha Ferreira de Souza Simões, acompanhadas de seus responsáveis que ficavam sentados nos bancos distribuídos à frente do cercado do parquinho, mexendo no celular, principalmente por esse espaço em específico ter internet livre, a rede Vitória Online¹⁸. Quanto ao número de brincantes buscou-se, através do questionário, saber em quais outros lugares essas

¹⁷ Área de recreação normalmente ao ar livre dedicada às crianças/adolescentes; planejadas para entretenimento; objetiva estimular prática de atividade física. Contém brinquedos.

¹⁸ O Vitória Online é um conjunto de tecnologias que permite aos moradores e visitantes acesso à internet utilizando uma rede sem fio. Disponível em: <http://www.vitoria.es.gov.br/>. Acesso: 25/08/2018.

crianças costumavam brincar, exceto escola; os resultados assinalam que, as crianças estão presentes (maioria) em três lugares, sendo 1. Casa/quintal e praça (80%); 2. parque (60%); 3. praia (50%) e 4. Ruas (30%) e casa de amigos (30%).

As brincadeiras mais comuns restringiam-se a utilizar os brinquedos, escorregador e balanço, principalmente, por esse último inclusive, chegavam a brigar para poder balançar, esse caso repetiu-se duas ou mais vezes; tal limitação de variedade nas brincadeiras deve-se, principalmente, ao grau de complexidade dos brinquedos presentes no espaço, essa constatação é citada por Sartori (et. al, 2015), “quanto mais incrementado for o brinquedo, mais ele torna a criança ou o brincante prisioneiro” (p. 404). Ainda sobre a maneira como se apropriavam dos brinquedos, notou-se num evento em específico, uma maneira inusitada de brincar no escorregador ou escorrega:

O menino, de pé na base alta do escorregador, gritava: tem alguém aí? E a menina, de pé, debaixo do escorregador, fingindo estar escondida, nada respondia. O menino repetiu a pergunta mais quatro (04) vezes e após essa, a menina respondeu: Aqui! E logo apareceu, assim, o menino escorregou e repetiram isso, três (03) vezes. Depois, inverteram os papéis, mas a menina só o fez duas (02) vezes (comparado ao menino que fez quatro) e não porque a induziram, ela simplesmente dizia “sua vez” e o menino não protestava ou a mandava parar porque queria ir de novo, pelo contrário, estava respeitando as decisões de sua companheira de brincadeiras. Após o menino escorregar novamente, apenas uma vez com a menina ficando escondida, incrementaram um novo elemento em sua brincadeira. Agora já não mais perguntavam “tem alguém aí” e respondiam “aqui”. Agora, antes de um dos dois escorregar, ambos enchiam o pé (final) do escorregador de areia; faziam ficar completamente coberto de maneira que o escorregador mostrasse estar enterrado na areia. Depois disso, um escorregava; como um pouco da areia era retirada quando isso acontecia, antes do outro escorregar, os dois recolocavam a areia e esse ‘ciclo’ se repetiu mais quatro ou cinco vezes (D. de C. n°11, 26/04/2018).

Sartori (et. al. 2015) afirma que “as crianças aproveitam os brinquedos para criar (...) experimentar diferentes maneiras de brincar no mesmo brinquedo e com o mesmo material” (p.406); fora esse acontecimento, a brincadeira que mais diferiu das tradicionais, foi uma em que misturaram o pique-alto com desafio; o vencedor era aquele que quando dado o comando ‘pique-alto’ estivesse no lugar mais alto que dos outros brincantes, no entanto, o vencedor seria, na próxima rodada, aquele que daria o comando. De modo geral, quando se tratava de brincadeiras que ultrapassavam as funções dos brinquedos disponíveis, não aconteciam brigas ou quaisquer desentendimentos, além de, naturalmente, todas as crianças presentes no espaço estarem convidadas a brincar sem pedir permissão, bastava chegar e participar, independentemente de ser menino ou menina; não houve, em momento algum, restrições de gênero; no entanto, quando a brincadeira limitava-se a usar o brinquedo, houveram casos de briga e discussões rápidas que acabaram em crianças chorando para usá-lo.

Uma das questões levantadas no questionário ao qual alguns usuários foram submetidos, questionava-se qual o motivo das crianças escolherem a praça 3 de Maio para brincarem. A partir

desses resultados, é possível perceber que os três motivos principais das crianças escolherem a praça são: 1. Porque é perto de casa (80%); 2. por conta dos brinquedos (60%) e 3. Por ser perto da escola (50%), 4. Pela presença de outras crianças (40%) e 5. Barraquinhas e comida e raças grandes (cada um com 20%). Observou-se que das trinta e nove (39) meninas presentes na pesquisa, apenas três (03) não brincaram no parquinho, a diferença consiste em que as meninas do parquinho tinham idade menor (e altura) do que as meninas da praça e, as primeiras, estavam sempre acompanhadas de um responsável. A quadra, coberta, tinha sua ocupação em diversos horários, a partir das 15h00, por grupos com mais de seis (06) integrantes ou, às vezes, por apenas dois (02) companheiros de jogo; também houveram casos de haver um grupo jogando e/ou brincando e outro chegar e “tomar” a quadra por ter mais integrantes, mas aconteceu de forma tranquila, mais como se o grupo que estivesse utilizando cedesse o espaço. Foram diversas variedades de jogos e brincadeiras vivenciados na quadra: gol a gol¹⁹; chute ao gol²⁰; Jogo de futebol tradicional²¹; Reba (rebatida)²². A forma observada já foi descrita no texto de Alves (2014).

Além dessas brincadeiras, também aconteceram casos em que, meninos entravam de bicicleta dentro da quadra para dar voltas, do lado de fora das marcações enquanto outros jogavam normalmente, em nenhum momento, alguém pede que se retire, o jogo segue sem qualquer complicação. Ocorreu também de algumas vezes, estudantes da Multivix, de educação física, utilizarem a quadra até às 17h30 para jogar vôlei, mas, assim que desocupavam, os meninos já tomavam o espaço com a bola em mãos para jogar.

Quanto ao espaço livre, na maioria das vezes, era utilizado para andar de bicicleta, seja criança brincando ou adultos transitando pela praça (atravessando-a); houve apenas um registro de brincadeira nesse espaço, um grupo de cinco (05) crianças, misto (2 meninos e 3 meninas) estava

¹⁹ Gol a gol: trata-se de um jogo utilizado quando há poucos participantes. É jogado com dois participantes, um em cada gol. Os dois têm por objetivo chutar a bola em direção à trave do adversário na tentativa de converter um gol. Para iniciar a jogada, eles tiram par ou ímpar para ver quem começa com posse de bola. O chute pode ser executado até a linha central da quadra. O jogador só irá passar essa linha quando seu chute for acertado na trave, sendo caracterizado como pênalti. Vence quem realizar três gols e este permanece no jogo, e o que perdeu troca de lugar com outro participante.

²⁰ Chute ao gol: um participante fica no gol, e o restante, em sua frente, em forma de meia-lua. Quem está na meia lua, troca passes e, a qualquer momento, pode chutar no gol. Quem converter o gol trocará de lugar com o goleiro, porém, se o goleiro deixar a bola passar com facilidade, ele continuará na função de goleiro até acontecer o próximo gol.

²¹ Jogo de futebol tradicional: o time é formado de acordo com o número de participantes existentes no momento, utilizando-se das regras “oficiais”.

²² Reba (rebatida): é jogada em duplas, uma dupla na defesa (goleiro) e a outra no ataque. A dupla de ataque tem direito a três chutes que podem ser acertados em três situações: 1. Direto ao gol, valendo um ponto; 2. Rebatida do goleiro, valendo dois pontos; e 3. Acertar a trave, valendo três pontos. Porém, a dupla de goleiro pode ter posse de bola a qualquer momento, pois um fica defendendo e o outro se prepara na lateral da trave à espera da rebatida do goleiro para tentar disputar a bola e ter sua posse. Caso isso aconteça, trocam-se as funções dos jogadores.

jogando “barata tonta” em duplas, depois variou para três ao meio e dois passando a bola; logo depois, uma menina — inclusive, a dona da bola— diz “Ei, vamos pra quadra? Lá dentro. Lá tá mais claro, fica mais fácil para jogar” (D. de C. nº21, 18/07/2018). Percebe-se, a partir da fala da brincante o quão intensa é a apropriação que essas crianças, desse grupo em específico que, inclusive, moram na rua Hermínio Coelho, para com os espaços da praça, de modo que percebem que a partir de um horário, a precariedade da iluminação do espaço livre prejudica o uso do espaço, assim, levando-os a se locomover para a quadra que é melhor iluminada. Referente ao espaço livre. Ainda, conclui-se de que sua apropriação se faz majoritariamente, assim como a quadra, ocupado por meninos e que não estejam acompanhados de qualquer responsável. Uma das justificativas elegidas, após avaliação do espaço quanto estrutura da praça, é que, um dos motivos seja que o espaço livre é amplo, mal iluminado e sem qualquer lugar para sentar que seja próximo, ou seja, crianças acompanhadas, ficariam vulneráveis a qualquer coisa/situação, tais como, alguém passando de bicicleta ou correndo e acabar colidindo sem que o responsável possa intervir, uma vez que, sentado à certa distância considerável, não consiga chegar perto; esse risco, porém, é voltado principalmente para crianças de idades menores, embora, possa acontecer com qualquer uma.

Um adendo negativo acerca da apropriação, é que não há possibilidade de as crianças interagirem com o verde (árvores) da praça, uma vez que as árvores estejam dispostas às extremidades da praça, perto das ruas onde transitam veículos, pessoas, bicicletas, skates, animais; conseqüentemente, longe de qualquer possível intervenção de seus responsáveis, caso estejam acompanhadas; além disso, as mesmas não apresentam galhos em sua região inferior e/ou mediana, de modo que, nem se as crianças quisessem escalar, por exemplo, conseguiriam, pelo menos, não facilmente.

Andando pelas grandes cidades brasileiras, é possível perceber que a ocupação do espaço urbano, por crianças, acontece de diversos modos, seja brincando em parquinhos ou outros lugares, de diversas formas (COTRIN; BICHARA, 2013). Buscamos não só compreender como acontece a relação das crianças com esses espaços, mas saber, de fato, onde estão brincando. Inicialmente, tínhamos intenção de investigar a rua como possível lugar de vivências lúdicas, seja através de jogos ou brincadeiras, porém, assim como Fiaes (et al, 2010), comenta “na atualidade as ruas das grandes cidades se tornaram espaços de riscos para crianças em função do grande movimento de pessoas, veículos e ação da criminalidade” (2010, p.31).

Concordando com Alves que assinala que, atualmente, “(...) as ruas sejam, muitas vezes, perigosas por causa da crescente urbanização ou da falta de segurança” (2014, p.198); não seria correto, seguindo essa lógica, considerar que contanto que seja um lugar, bairro, afastado do centro, encontraríamos crianças brincando pelas ruas? Provavelmente, no entanto, os resultados diferem de tal perspectiva; essa, que é comentada, também, por Alves, “notamos que, em alguns lugares, como bairros isolados com menor movimentação no trânsito, cultura local e menos violentos, a prática do brincar em espaços públicos ainda ocorre” (ibid, p.198), expectativas de que essa seria a realidade do nosso bairro alvo, uma zona, em comparação com Jardim da Penha e Mata da Praia —estudados na pesquisa anterior (TESSAROLLO;WENETZ, 2017)²³— de menos habitantes²⁴ e que obtém menor poder aquisitivo²⁵, embora próximo à Av. Fernando Ferrari, Goiabeiras é um bairro, relativamente afastado, com vielas e inúmeros becos sem saída. Durante o trabalho de campo, foi possível perceber, uma vez que foi necessário transitar pelo bairro como um todo, que os moradores são todos próximos; ainda que com tais características, as ruas permaneciam vazias, sendo tomadas apenas por carros estacionados.

Essa conclusão é melhor explicada, dentro da realidade desse estudo, por Wenez (2013), quando assimila que “os familiares têm preocupações e medos na rua, em relação ao estranho e, principalmente, vivenciam uma sensação de insegurança na cidade” (p. 347). A conclusão da autora que se assemelha aos resultados adquiridos por meio de questionários, em que, todos os responsáveis participantes, assinalaram não deixar que seus filhos (as) e/ou criança (s) pela (s) qual é responsável brincar na rua sem estar acompanhado, porque, segundos os mesmos, a rua é perigosa. Quando questionados, em uma conversa informal a respeito do perigo, por eles citados, as respostas se assemelhavam, sendo o maior perigo o tráfico de droga que acontece nas ruas e praças, principalmente, à noite. Seguem recortes das falas dos usuários, a respeito dos “perigos” da praça.

Pesquisadora: Aqui tem segurança? / Mulher (mãe): Nada, quase nunca tem polícia aqui. / Pesquisadora: Na verdade, costumo ver alguns policiais aqui sim, a maior frequência é em período de aula, tanto da creche quando da Multivix; é quase como se a praça funcionasse em função deles/Mulher (mãe): Pois é, aí fica vazio assim, é perigoso [...] (D.de C. n°21, 18/07/2018).

Mulher (Banco1): Mas olha, é perigoso também. / Pesquisadora: Perigoso? / Mulher: Sim, na rua de trás, por exemplo, ali está sempre roubando celular, você tem que ficar cauteloso. Aqui mesmo na praça tem gente que usa droga sempre. / Pesquisadora: Na rua de trás? A rua da escola? / Mulher:

²³ Relatório de IC, “Crianças e suas vivências no espaço de Vitória”.

²⁴ Goiabeiras possui 2.633 habitantes, quanto Jardim da Penha 30.571 e Mata da Praia 10.594. Disponível em: <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/geral/bairros.asp>

²⁵ Renda média dos moradores de Goiabeiras equivale a 10.594\$, enquanto Jardim da Penha 2.510,89 e Mata da Praia 4.119,31. Disponível em: <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/geral/bairros.asp>

Sim. / Pesquisadora: [...] mas tem um horário específico que fica mais perigoso? / Mulher: Nada, qualquer horário (D. de C. n°22, 10/08/2018).

Por tanto, percebe-se a falha no trabalho dos policiais presentes, deixando claro que, muitas das vezes, as mães querem ficar mais tempo com seus filhos, no entanto, a movimentação noturna do tráfico de drogas causa sensação de insegurança nos usuários. Nos questionários aplicados, onde a opção “segurança” é apresentada como uma das alternativas que justificam a escolha da praça 3 de Maio para levarem seus filhos e, 90% não assinalou tal alternativa, alegando que a praça não é segura, além de 100% assinalar que seus filhos sempre brincam acompanhados, seja dos pais ou outro responsável, tal como irmão/ã, como aconteceu em alguns casos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse subprojeto de pesquisa dá continuidade ao anterior, Crianças e suas vivências no espaço de Vitória, de modo que, ao todo, tenham sido estudados três bairros da capital do Espírito Santo; percebe-se que há um melhor cuidado com os brinquedos e o espaço das praças no bairro de Goiabeiras do que em Jardim da Penha e Mata da Praia e a afirmativa pode ser comparada com trechos desses trabalhos, onde, Velame e Wenez (2017, p.9) afirmam que é possível notar, nas praças de Jardim da Penha e Mata da Praia “os danos causados pelos próprios frequentadores na má utilização dos brinquedos ou no abandono de alguns espaços dentro das praças”; que difere, por exemplo, do que é dito a respeito da praça 3 de Maio, em Goiabeiras, por um usuário que comenta, “aqui é limpo sim, eles lavam a praça toda terça e quinta-feira, pela manhã, sabe? E não tem lixo no chão, o pessoal cuida sim, é muito boa essa praça; os brinquedos coloridos e parecem novinhos, cuidado, né” (D.de C. n°23, 10/08/2018). Essa diferença é comentada por Bichara (et.al.2006) “o próprio espaço físico onde as brincadeiras acontecem tem se revelado como variável significativa na determinação da forma e conteúdo das brincadeiras. Isto porque, as atividades lúdicas infantis estão diretamente relacionadas à qualidade dos espaços destinados à elas” (p.40) tal como pode-se notar nas narrativas de apropriação por parte das crianças e o enredo menos variado em relação à apropriação em Goiabeiras.

Embora tenhamos pensado a rua como possível espaço de lazer das crianças e suas vivências lúdicas em brincadeiras, não as encontramos nesses espaços, o motivo, provavelmente o mesmo apontado por Fiaes (et al, 2010) que afirma, “como na atualidade as ruas das grandes cidades se tornaram espaços de riscos para crianças em função do grande movimento de pessoas, veículos e ação da criminalidade, os adultos criaram parques, praças e outros locais destinados ao uso exclusivo das crianças” (p.31). Desse modo, nosso estudo se restringiu à praça 3 de Maio, uma vez

que nas outras, não encontramos brincantes; a apropriação por parte da criança acontecia, na verdade, por toda a praça, inclusive usando os aparelhos da academia popular como brinquedos, no entanto, acontecia de maneira mais intensa no parquinho infantil, quadra e espaço vazio (centro da praça).

As crianças que frequentavam a praça, afim de brincar, quando acompanhadas, comportavam-se de maneira restrita, limitando-se ao parquinho infantil ou quadra de acordo com o acordo estabelecido com os pais, já as que vinham sozinhas, com idades entre 6-14 anos — aproximadamente—, utilizavam quadra, aparelhos de ginástica da academia popular, o espaço livre seja para piques, andar de bicicleta, brincar de bola ou correr e a quadra. Quanto à vegetação, as crianças não exploravam, independentemente de estarem acompanhadas ou não.

Quanto a distribuição de gênero, percebeu-se que, num panorama geral, as meninas brincam no parquinho e os meninos na quadra e espaços livres; no entanto, quando há alguém de sexo diferente em um espaço, majoritariamente dominado por outro, não há exclusão desse “diferente”. Pelo contrário, as brincadeiras mistas ocorrem sem qualquer dificuldade ou preconceito; uma visão diferenciada dos resultados de Zorzi (2015) que aponta para uma preferência dos brincantes por parceiros do mesmo sexo, quase que obrigatoriamente.

Notou-se, também, que há uma sensação de insegurança nos pais e/ou responsáveis para com o espaço da praça 3 de Maio, mesmo com a presença de policiais. Resultados semelhantes aos de Wenez (2013), em que os usuários, assim como nessa pesquisa em Goiabeiras, apontam a sociedade atual como violenta, além do presente tráfico de drogas e domínio do espaço por usuários das mesmas conforme a hora avança.

4 REFERÊNCIAS

ALVES, C.; CÂMARA, A. R.; GERALDIN, C.; MARTINS I. C. Políticas públicas de lazer: jogos, brinquedos e brincadeiras de crianças em praças, na cidade de Araras. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 13, n. 2, p. 196-214, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/5249/5122> Acesso: 03 Fev. 2018.

COTRIM, G. S. & BICHARA, I. D. O Brincar no Ambiente Urbano: Limites e Possibilidades em Ruas e Parquinhos de uma Metrópole. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 26(2), 388-395. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/prc/v26n2/19.pdf>. Acesso 03. Fev. 2018.

DALT, T. O. **Usos de um espaço público: um estudo de caso do Parque Halfeld, Juiz de Fora, MG.** ABET, Juiz de Fora, v.1, n.2, p. 55-63, jul./dez. 2011. Disponível em <https://abet.ufjf.emnuvens.com.br/abet/article/view/1718/1202>. Acesso 15. Fev. 2018.

FIAES, C. S., MARQUES, R. de L., COTRIM, G. S., BICHARA, I. D. Gênero e brincadeira em parquinhos públicos de Salvador (BA). **Revistas UFPR. Interação em Psicologia**, Curitiba, jan./jun. 2010, 14(1), p. 31-41. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/13465> Acesso: 12 Ago.2018.

GOLDENBERG, M. (Re) Aprendendo a Olhar. In: **A Arte de Pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 13-32.

LUZ, G. M.; KUHNEN, A. O Uso dos Espaços Urbanos pelas Crianças: Explorando o Comportamento do Brincar em Praças Públicas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. 26(3). 2013., 552-560. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v26n3/v26n3a15.pdf> Acesso: 13 Fev.2018.

MORO, L.; RECHIA, S.; ASSIS, T. S. de. Conhecendo os parques de Curitiba e seus espaços públicos destinados às brincadeiras infantis – um panorama geral. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 4, out./dez. 2014. Disponível em <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/27198/17745> Acesso: 15. Fev. 2018.

OLIVEIRA, R. C. de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. São Paulo, Editora Unesp,2006.

PREFEITURA DE VITÓRIA. Bairros, Disponível em: <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/bairros/regiao6/goiabeiras.asp>. Acesso em 17 Mai. 2018.

ROTARY CLUB DE PIRAÍ, PROJETO: ACADEMIA DA TERCEIRA IDADE II, 2016. Disponível em: <http://www.idosodepirai.com.br/resources/Rotary%20Club%20de%20Pira%C3%AD%20Projeto%20Ati%20com%20equipamentos%20-%20REVISADO.pdf>. Acesso: 10 Mar. 2018

SARMENTO, M. J.; PINTO, M. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto, Portugal: Edições ASA, 2004. Disponível em: https://iesb.blackboard.com/bbcswebdav/institution/Ead/_disciplinas/EADG387/nova/files/acervo/UIA1/t_exto1.pdf. Acesso 09 Mai. 2018.

SARTORI, G. D., ALVES, F. D.; SOMMERHALDER, A. A cultura lúdica infantil em parques públicos: Qual o espaço e tempo para brincar? **Educação Unisinos**. 19(3):401-408, setembro/dezembro 2015. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/6903> Acesso: 14 Fev. 2018.

SILVA, G. C.; LOPES, W. G. R.; LOPES, J. B. Evolução, mudanças de uso e apropriação de espaços públicos em áreas centrais urbanas. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 11, n.3, p. 197-212, jul. /set. 2011. Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/ambienteconstruido/article/view/13193/13501>. Acesso 14 Fev. 2018.



TESSAROLLO, L.; WENETZ, I. **Crianças e suas vivências no espaço de Vitória**. Relatório final de IC. Faculdade de Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Espírito Santo, 2017

WENETZ, I. As crianças ausentes na rua e nas praças Etnografia dos espaços vazios Civitas – **Revista de ciências sociais**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 346-363, maio-ago. 2013. Disponível em <http://www.redalyc.org/html/742/74229733009/> Acesso: 15 Ago.2018.

WINKIN, Yves. Descer ao campo. In: **A Nova Comunicação – da Teoria ao Trabalho de Campo**. São Paulo, Papirus, 1998. Parte 1, p. 129-145.

ZORZI, L. de M. Estudos sobre a apropriação e a percepção dos usuários da Praça Dante Alighieri em Caxias do Sul/RS. **Impulso**. Piracicaba. 25(63), 131-143, maio-ago. 2015. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistasunimep/index.php/impulso/article/view/2325/1655> Acesso 28 Jun.2018.